

Diversão & Arte

» PEDRO IBARRA

A Ex-Quadrilha da Fumaça, mais conhecida como Planet Hemp, voltou com músicas inéditas após 22 anos. A banda apresentou na última sexta-feira o disco *Jardineiros*, um retrato da perspectiva dos atuais integrantes da banda sobre o Brasil atual. Em um misto de indignação e análise dos novos tempos, o grupo tece críticas interessantes não só do governo, mas de toda uma estrutura que é realidade no Brasil há muito tempo.

O Planet volta com Marcelo D2, BNegão, Formigão, Pedro Garcia e Nobru na formação para um disco que tem referências de todos esses anos parados, mas fala também sobre o que está acontecendo agora. "Estamos em um momento histórico e político que para uma banda de opinião forte, como o Planet, não falar, seria uma omissão", pontua BNegão. A banda chega justamente para o trabalho de jardinagem. "No momento que estamos vivendo há muita discórdia. Então a gente decidiu botar o bem comum acima de qualquer ego. O álbum é sobre isso. Sobre semear, cuidar e compartilhar, para colher lá na frente algo bom", completa Marcelo D2.

O grupo que mistura rap, rock e hardcore parece sempre se juntar quando se fazem necessários para transmitir uma mensagem, foi assim na virada do milênio, está sendo assim em 2022. "A gente achou que a gente nunca mais ia fazer um disco, estávamos satisfeitos com a nossa obra. Até esse maravilhoso país surpreendente que é o Brasil nos surpreender mais uma vez", afirma Marcelo D2, que faz um paralelo com o próprio passado. "O que a gente falava nos primeiros discos sobre milícia, política se misturando com religião, tráfico de drogas e de armas agora parece ser uma premonição sobre o Brasil", adiciona.

BNegão menciona a importância que é a opinião vir da banda no formato de músicas novas. "Para muita gente o Planet foi o fio para falar de política, falar sobre problemas da sociedade. Isso porque furamos uma bolha, a gente é uma banda underground que estourou", comenta. "O que falávamos chegou para muito mais gente do que imaginava e fez diferença para muitos deles."

Porém esse disco não é só para o público, mas para os integrantes da banda também. "É necessário para o público, o tanto que é necessário para gente também. A gente, enquanto cidadão, faz música para isso", diz D2, que aproveita para suavizar o sentimento do disco que classificou como "dolorido". "Conhece aquele ditado: 'o Brasil me obriga a beber'. Então, o Brasil nos obriga a fazer o Planet Hemp. Nos obriga a sair de um lugar de conforto", brinca.

"O Planet Hemp faz parte da necessidade das nossas vidas", clama Marcelo que acredita que a banda é necessária para toda a história do Brasil. "Se fosse para gente aparecer só quando fossemos necessários, tínhamos que estar aqui desde 1500. Gritando: 'Tá errado, irmão! Chegou pisando com força demais'", fala, em tom de piada. Contudo, levando para lugar sério, ele reflete o exato lugar que a banda está para os integrantes. "O Planet Hemp é a nossa utopia. Fazer o Planet Hemp é como olhar para uma luz", finaliza.

OLHA QUEM ESTÁ DE VOLTA!



Fernando Schaefer/Divulgação

EM UM DIA RECHEADO DE GRANDES LANÇAMENTOS, PLANET HEMP E SIMPLE MINDS

FALAM AO CORREIO SOBRE O PROCESSO DOS NOVOS DISCOS

Dean Chalkley/Divulgação



SIMPLES E LONGA ESTRADA

Existem músicas e bandas que o público nunca esquece, basta um acorde de *Don't you get about me* para que o ouvinte busque na mente os melhores momentos que a canção do Simple Minds embalou. A banda escocesa lançou, na última sexta, o 19º álbum da carreira intitulado *Direction of the heart* e pretende se manter onde sempre esteve, nas lembranças do público.

Com nove faixas, o disco é um atestado de que a banda não para, emendando discos em turnês desde 1977, quando tudo começou. Essa visão de que são uma banda histórica, mas que querem conversar com os novos tempos é essencial para o produto final do álbum. "Nós decidimos que faríamos o novo disco do Simple Minds, mas de forma diferente. Queríamos canções para cima, para o público se sentir bem", afirma o vocalista e cofundador da banda, Jim Kerr em entrevista ao *Correio*.

A intenção de fazer o público se sentir

bem destoava completamente do momento em que escreveram o álbum. A banda fez uma bolha própria durante a pandemia e escreveu todas as músicas no estúdio que tem no sul da Itália. "De certa forma, o fato de não termos nada para fazer trouxe uma força para o álbum. Estávamos focados e comprometidos apenas com a nossa música", lembra Jim. "Era uma ironia fazer um disco positivo em tempos tão difíceis, mas nós trabalhamos muito e com os melhores profissionais para isso acontecer", complementa.

Eles comemoram o ponto que chegaram depois de 19 álbuns e 45 anos de estrada, mas não atribuem tudo só a eles mesmos. "É claro que é muito trabalho duro, mas também é sorte. Fazer música é mandar uma mensagem em uma garrafa, não dá para saber quem vai pegar nem quem vai gostar. É muito subjetivo e não tem garantias", diz o vocalista. Porém é louvável estarem tão vivos na música até a atualidade. "Nós

somos muito sortudos por sermos do jeito que somos. Todo grande artista que eu conheço tem um mundo próprio, é o caso de Bob Dylan ou Bruce Springsteen por exemplo. Eu acho que o Simple Minds também tem", conclui.

Estar ativo durante todo esse tempo dá aos artistas a possibilidade de ver o mundo mudar diante dos próprios olhos. Simple Minds lançou em vinil, cassete, CD, streaming e voltou a vender em vinil. "Quando você tem uma carreira longa, ela não é só sua carreira, ela é a sua vida", reflete Kerr, que agora se espanta com a quantidade de pessoas que encontrou a mensagem que ele jogou no mar dentro de uma garrafa. "Tem quase quatro gerações na nossa audiência. Às vezes, um novo filme ou uma nova série com *Don't you forget about me* na trilha sonora traz um público mais jovem. Temos famílias inteiras nos nossos shows, nunca me imaginei indo no show com os meus pais", completa.

OUTROS DISCOS IMPORTANTES EM DESTAQUE



THE CAR — ARCTIC MONKEYS

Uma das principais bandas britânicas dos últimos anos lança o sétimo disco de estúdio, o primeiro desde 2018. *The Car* é a consolidação da nova fase do Arctic Monkeys, que largou as guitarras distorcidas, riffs e baterias altas por canções baseadas em melodias de pianos e órgãos. Mais sofisticados e menos mercadológicos, os roqueiros da cidade de Sheffield não são mais meninos raivosos, eles se resignaram com a melancolia da vida adulta e fazem canções mais maduras, mas ainda de alta qualidade.



MIDNIGHTS — TAYLOR SWIFT

Anunciado em agosto como "histórias de 13 noites não dormidas" por Taylor Swift, este é o décimo disco da cantora e talvez um dos lançamentos mais comentados do ano. A cantora, uma das maiores do mundo atualmente, vem de um período cheio de lançamentos, entre 2020 e 2021 lançou quatro álbuns sendo dois inéditos, *Folklore* e *Evermore*, e duas regravações, *Fearless* e *Red*. Taylor tem atizado os fãs com dicas de letras do álbum e várias referências, a mais marcante delas as menções ao número da sorte dela: o 13. A cantora reedita a parceria com o produtor Jack Antonoff, responsável pelos últimos cinco discos dela. Além de Antonoff, o disco ainda tem uma música composta por William Bowery, pseudônimo de Joe Alwyn namorado da cantora, e uma parceria inédita com Lana Del Rey, muito pedida por fãs das duas artistas.



THE LONELINESS TIME — CARLY RAE JEPSEN

O quinto disco de estúdio da cantora canadense chega como um dos menos badalados do dia, porém é um dos mais promissores. A artista vem em uma crescente desde o lançamento de *Dedicated* em 2019 e deixou de ser a adolescente de *Call me maybe*, maior sucesso da carreira até então, e passou a ser uma cantora madura do pop. *The loneliness time* promete elevar ainda mais o patamar da artista.